

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 86 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	15.º Anno — XV Volume — N.º 477	Redacção — Atelier de Gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Portugal (franco de porte, m. forte)	3800	1900	950	6120	21 DE MARÇO DE 1892	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)	4000	2000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5000	2500	—	—		



CHRONICA OCCIDENTAL

Os naufragos continuam ainda a ser a ordem do dia em Lisboa.

É rara a noite, em que n'um theatro ou n'um salão qualquer, não ha uma recita ou um concerto em beneficio das familias das victimas da medonha catastrophe do norte; é certo aos domingos e dias santos o peditorio pela rua, feito por varias corporações e sempre com bom resultado, o que quer dizer que a caridade publica ainda se não cançou dos naufragos.

Entretanto apesar da caridade não se mostrar ainda cansada a opinião publica começa, a apontar a essa caridade outras misérias não menos dignas da sua protecção, sobre tudo agora que é já avultada a esmola enviada ás familias dos pobres naufragos e que a miséria que a catastrophe de Sabbado Gordo entornou sobre ellas principia a estar mitigada.

E a opinião publica tem razão.

Ninguém mais digno da compaixão e dos socorros de toda a gente que essas desoladas familias de pescadores a quem a morte arrebatando os chefes, os homens, os ganha pão, deixou a braços com a dôr, com a saudade e com a fome: nada mais justo, mais santo, mais bello que esse grande movimento de caridade que de repente agitou todo o paiz, esse movimento em que se associaram fraternal e espontaneamente todas as classes sociaes, mas desde o momento em que a esmola afugentou do lar d'esses infelizes o espectro da fome, não é menos justo, menos santo e menos urgente que se pense nas outras desgraças, que se arrastam tristemente ao pé da nossa porta, nas familias d'esses pobres trabalhadores que ficaram soterrados nas podreiras do Alvito, nas familias d'esses pobres operarios a quem a crise gravissima que atravessamos, nega o trabalho e com elle

o pão que elles honradamente iam buscar ao labor quotidiano.

Uma comissão d'esses operarios dirigiu-se na quarta feira a Sua Magestade a Rainha a Sr.ª D. Amelia, pedindo-lhe respeitosa e que dividisse com elles as esmolas recebidas pela comissão de que Sua Magestade foi a caridosa iniciadora e é augusta presidente para angariar donativos para as familias dos naufragos.

Sua Magestade respondeu o que não podia deixar de responder, isto é, que tendo sido as esmolas recebidas dadas para um certo destino, não podia desviar-as d'esse destino, porquanto não sabia se seria isso da vontade das pessoas que as tinham dado.

Foi perfeitamente correcta e delicadissima a resposta da Rainha, mas o espirito caritativo e o

coração bondoso de Sua Magestade não ficou contente com ella.

Era claro que não podia dar ás esmolas que tinha recebido senão o destino para que as sollicitára, mas havia mais misérias a socorrer, mais lagrimas a enxugar e depois de dar aos operarios a resposta que não podia deixar de dar, Sua Magestade convocou immediatamente a comissão a que preside e propoz-lhe que do producto de todas as festas que ainda ha a fazer, de todas as esmolas que ainda ha a pedir, se tirasse uma parte importante para os pobres de Lisboa, para os operarios sem trabalho, para as familias dos mortos do Alvito, para todas as misérias que necessitam de prompto lenitivo, declarando-se, é claro, ás pessoas a quem se pedir essas esmolas, ou o auxilio para as alcançar, o fim a que ellas se destinam.

A proposta de Sua Magestade foi unanimemente approvada, e de todos os lados chovem benções sobre a Rainha, que tão santamente e tão nobremente sabe comprehender e sabe executar a mais alevantada e sublime das virtudes christãs: — a Caridade.

A resolução de Sua Magestade foi acolhida com entusiasmo por todo o publico e fará com certeza que as festas, que pela sua iniciativa e sob o seu patronato se vão realisar em Lisboa, sejam ainda mais brilhantes, mais concorridas e mais rendosas.

Uma d'essas festas é um concerto no theatro de S. Carlos, concerto em que toma parte o illustre tenor Tamagno, que para esse fim vem expressamente a Lisboa.

Pensou-se tambem, como aqui dissemos, em que a festejada primadona Eva Tetrasini, que tão grande successo alcançou ha tres annos em Lisboa e que tão gratas recordações deixou no nosso publico, viesse tomar parte no concerto, mas teve que se desistir d'essa idea, porque a illustre cantora tem que estar no dia 3 de abril em Barcelona, e o concerto só se poderá realisar naturalmente no dia 4 d'esse mez.

Um dos grandes attractivos d'esse concerto será tambem a parte instrumental, pois tomam n'ella parte tocando juntas sob a direcção do distincto maestro Victor Hassla, a orchestra 24 de julho e a orches-



O EXPLORADOR AFRICANISTA V. L. CAMERON

Vide art. «A Inglaterra Conquistadora»

(Segundo uma photographia de Lock & Whitfield)

tra da Real Academia dos Amadores de Musica.

A idéa do baile por subscrição, nas salas do Ministerio dos Estrangeiros, foi posta de parte por dificuldades de realisação; mas compensando a falta d'esta festa haverá o torneio á Idade Média no Hypodromo de Belem, para que se trabalhe activamente, e que terá além de tudo o merito da novidade.

Das festas que noticiámos na nossa ultima chronica realisaram-se já e com grande brilho, a recita de amadores no theatro de D. Maria, o sarau litterario-musical promovido pelo Gremio Luzitano no salão do theatro da Trindade, a recita offerecida pela empresa do theatro do Gymnasio, o sarau gymnastico dos socios do Gymnasio Lauret do Porto e do Real Club Gymnastico de Lisboa, no Colyseu dos Recreios, a recita dos alumnos do lyceu no theatro da Avenida e a representação por militares, do drama *29 ou Honra e Gloria*, no mesmo theatro.

*
* *

Como veem quasi todos os espectaculos tem sido dedicados a estas festas de caridade; mas ainda assim, n'estes ultimos dez dias, houve nos theatros algumas novidades.

No theatro do Principe Real, houve em beneficio da illustre actriz Amelia Vieira a primeira representação d'um drama original do nosso preado amigo o sr. Maximiliano de Azevedo, o erudito escriptor que os leitores do OCCIDENTE conhecem muito bem.

Chama-se esse drama *O crime das Picôas* e tem 5 actos e 7 quadros, 5 actos e 7 quadros, que foram ouvidos com muito interesse e applaudidos com muita justiça pelo publico, que na noite da sua *première* tinha enchido o theatro do Principe Real a festejar uma das nossas mais formosas actrizes e a ver o trabalho original d'um dos nossos mais distinctos e correctos escriptores.

E' claro que fazendo um drama para o theatro do Principe Real, Maximiliano d'Azevedo, que conhece muito o theatro, não fez um drama litterario. Ainda assim no *Crime das Picôas* o homem de letras trae-se a miúdo, a linguagem é sempre alevantada quando a indole do personagem o permite, porque Maximiliano teve o cuidado de fazer fallar cada qual como quem era, e por vezes essa linguagem assume um brilho notavel, como por exemplo no 2.º acto, um acto que teria um legitimo successo no theatro de D. Maria.

Toda a peça é muito bem feita, dentro do seu genero, os personagens estão muito bem estudados como por exemplo o do brasileiro Bougado, que é um typo comico de primeira ordem, o de Conchita uma hespanhola da vida airada, estudada com tanta verdade, que chegou a escandalisar um pouco o paladar romantico do publico do Principe Real, o da adella, o do commissario de policia, etc.

O *Crime das Picôas* teve um desempenho muito regular sobresahindo n'elle o actor Costa, que faz com immensa graça o papel do brasileiro, o actor Gil que é excellente no papel de criado, a actriz Amelia Vieira que fez com verdadeiro talento e sentida paixão o seu personagem, o actor Valle que luctou valentemente e por vezes victoriosamente com as difficuldades d'um *grand rôle*, o actor Pato Moniz que fez muito distinctamente o commissario de policia, a actriz Douradinha soberba de verdade no papel da adella, e Julio Vieira como actor e como ensaiador.

Nessa noite no Principe Real houve uma estreia das mais brilhantes a que temos assistido, a estreia do filho de Amelia Vieira, e do grande actor Santos, que não quer seguir a carreira theatral mas que tomou parte na festa de sua mãe recitando uma poesia comica.

A maneira intelligente e distincta como elle disse essa poesia, valeu-lhe um *successo* enorme.

A poesia é muito graciosa muito bem feita, e valeu tambem ruidosos applausos ao seu auctor, o sr. Fernandes, um rapaz muito novo ainda, redactor da *Vanguarda*, onde publica quotidianamente gazetilhas que pela expontanea graça e facilidade com que são feitas, tem chamado sobre o seu auctor as attenção do publico.

*
* *

No theatro da Trindade houve tambem uma *première*:—*A menina do Telephone*, uma opera comica que em Paris teve grande successo, que em Lisboa agradou muito tambem e em que teve uma notabilissima estreia uma actriz nova que se apre-

sentou na Trindade a sr.ª Augusta Cordeiro de quem nos dizem maravilhas.

Ainda não tivemos occasião de ver a peça nova da Trindade, como ainda não vimos a revista do anno *Fim do seculo* no theatro da Rua dos Condes, nem a companhia lyrica italiana que está tendo grande successo no Real Colyseu da rua Nova da Palma: trataremos de ver estas novidades e na proxima chronica diremos d'ellas aos nossos leitores.

A necrologia tem tambem hoje parte importante n'esta nossa chronica, não pelo numero de mortos, mas pela importancia d'elles: um homem de sciencia muito distincto, academico illustre e muito conhecido em Lisboa o sr. José Horta, outro um dos vultos mais proeminentes da politica portugueza, um dos estadistas que maior prestigio tinha no nosso paiz, o sr. conselheiro Lopo Vaz.

José Horta morreu quasi de repente. Na vespera ou na antevespera da sua morte, tinhamol-o encontrado na rua do Ouro.

Havia muitos mezes que o não víamos e achamos-lhe grande differença, muito mais avelhantado, abatido e pareceu-nos preocupado, exquisito.

José Horta, sob as suas apparencias frivolas de elegante, era um sabio distincto, um mathematico notavel deveras.

N'uma das suas ultimas conferencias na Academia, *Os infinitamente pequenos*, teve um grande successo no mundo scientifico; e os seus trabalhos de academico e de professor são importantes e fazem muito honra ao seu nome.

Grande amador de musica, José Horta era ha muitos annos um dos *dilletante* mais pontuaes do theatro de S. Carlos, não faltando nunca a uma *première*, na sua cadeira, na segunda fila mesmo ao meio do theatro; excellente caraqueador, homem da fina sociedade, era querido e estimado em toda a parte e tinha numerosos amigos entre os homens mais eminentes da nossa terra.

A sua morte completamente inesperada, causou profunda sensação.

A morte de Lopo Vaz, essa era esperada havia muito, infelizmente.

As melhoras que elle tinha tido da sua grande doenca, eram ficticias; todos os seus amigos o sabiam mais ou menos; a diabetes havia de continuar inplacavel a sua obra e concluiu-a exactamente no mesmo dia em que fazia trez mezes, que na igreja dos Martyres se tinha celebrado o *Te-Deum* pelas melhoras do illustre estadista.

Lopo Vaz morreu no dia 20 ás 10 e meia da manhã, e deve ser sepultado no dia 22; o seu cadaver velado pelos seus mais notaveis amigos e correlegionarios.

A morte de Lopo Vaz é uma grande perda para o partido regenerador, e é uma enorme perda para a sua desolada familia, a quem enviamos os nossos mais sentidos pezames.

Gervasio Lobato.

A INGLATERRA CONQUISTADORA

(CONFERENCIA DE L. CAMERON)

«Je suis un converti...»
(Palavras de L. Cameron na noite de 14 de março de 1892 em Lisboa.)

VI

Ha quasi dois annos que, sob o titulo acima, publicámos, uma serie de artigos no OCCIDENTE¹ onde nos soccorriamos do testemunho de altas notabilidades britannicas da igreja, do parlamento, e do exercito, para demonstrar que são elles proprios, os inglezes, que nos fornecem a prova do seu egoismo e da sua proverbial ingratitude.

São passados dois annos...

Pois bem, ha dias, Cameron que tão profusamente nos calumniou, e gratuitamente nos accusou de ineptos, de fracos, de incapazes de sustentar as nossas possessões africanas, quanto mais de colonisal-as e civilisal-as,—pois é esse mesmo inglez Cameron que ainda ha dias em plena sessão solemne da Sociedade de Geographia de Lisboa, perante a sua illustrada direcção, deante do sr. ministro da marinha, dos representantes da Inglaterra, Austria, Russia e Belgica, troça de um modo desopilante das filaucias colonisadoras do rei dos belgas, cae a fundo sobre o governo in-

glez que, como governo de uma poderosa potencia colonial, não tem feito senão *tolices (sic)*; e declara-nos o primeiro povo civilisado e colonizador da Africa Austral!!...

Muito bem, mr. Cameron disse verdadeiras perolas, que nós não sabemos como pagar-lhe. Nunca é tarde para o arrependimento.

*
* *

Agora vamos dar uma idéa do discurso de mr. Cameron, sobre o qual a imprensa de Lisboa entendeu não fazer commentarios, limitando-se a publicar extractos da conferencia.

Pois temos um conflicto com a Inglaterra que alterou, para assim dizer, todos os alicerces do edificio da nacionalidade portugueza, vemos todas as nações retrairem-se perante a idéa de uma acção decisiva em nosso favor contra as pretensões inglezas, vemos as proprias manifestações dos nossos populares, esfriarem, emudecerem, parecendo que todo o paiz se conformou com a *negra sorte* de padecer e calar,—e não se repara no facto importantissimo de um official superior da marinha real de sua magestade a imperatriz das Indias e soberana da Grã-Bretanha, vir a Lisboa, ao centro de uma sociedade scientifica, declarar que os melhores colonisadores do mundo não teem feito senão *tolices (betises!)* e que o verdadeiro trabalhador, o principal colonizador da Africa é o povo portuguez!!!

Em que paiz do mundo passaria, nas nossas circunstancias, despercebido este facto de tão capital importancia para nós?...

*
* *

Cameron começou a sua conferencia declarando que ia fallar em francez por ser o idioma mais sympathico aos ouvidos portuguezes.

Descreveu desde o principio de este seculo as explorações portuguezas, citando tambem o trabalho de Levingston.

Disse que todo o commercio indigena do interior e uma grande parte do litoral da Africa oriental e occidental fôra iniciado e é hoje sustentado só pelos portuguezes; que é difficil fazer uma travessia na Africa Austral, seja em que rumo for que se não encontrem vestigios da passagem dos portuguezes.

Que ainda a seu ver Loanda é uma das primeiras cidades de Africa. O caminho de ferro de Lourenço Marques e o de Ambaca é uma alta demonstração do muito que modernamente os portuguezes tem feito em prol da civilisação africana. Porque são os dois primeiros caminhos de ferro de penetração feitos na Africa, e esses caminhos de ferro pertencem a Portugal.

O sr. Cameron, que ha tempo tanto offendeu o brio portuguez accusando nos de fazer escravatura, reconheceu n'esta conferencia que *Portugal a tem lealmente suprimido e esmagado*, e que se existe em alguma parte, é em sitios aonde não pôde chegar a acção do governo portuguez para punir os culpados.

Cita os nomes de Lacerda e Almeida, Silva Porto, Monteiro, Gamitto e faz a historia, com largo e correcto conhecimento das descobertas portuguezas na Africa, desde o tempo do infante D. Henrique até ás modernas explorações. Aqui, faz completa justiça aos esforços e sacrificios de Portugal em favor do progresso e do desenvolvimento da raça africana, dirigindo e aproveitando as suas incontestaveis qualidades.

As explorações scientificas e de commercio, diz o illustre conferente, feitas por Portugal no interior da Africa tem sido as mais proficuas para o desenvolvimento do progresso moderno e são as mais sympathicas aos povos africanos.

Cameron entende que não devem ser levadas da Europa para Africa as rivalidades de nação para nação. As questões europeas devem ser resolvidas na Europa. A Africa é dos africanos e para os africanistas. Na Africa não deve haver francezes nem inglezes nem allemães, mas somente homens civilisados, e aos unicos que por ventura se deve fazer excepção de nacionalidade, são os portuguezes. Na Africa deve haver simplesmente combatentes pelo progresso.

São os portuguezes pela razão historica e pela prioridade pratica.

Se a Allemanha, a Inglaterra, a França se juntarem a Portugal para definitiva exploração de Africa, dando a Portugal o logar na guarda avançada, não serão todas estas nações demais, com todo o seu ouro, com todos os seus homens de sciencia, os seus pioneiros, não serão demais para trazer a Africa para a civilisação.

¹ OCCIDENTE, n.º 400 a 407 do anno de 1890—vol. XIII.

Mas tem de ser uma civilização africana, sem nenhuma das questões que se debatem na Europa, os processos e systemas, tem de ser muito diversos dos empregados na Europa, — é um mercado novo, são nações novas que se vão crear, é preciso que não tenham nenhum dos preconceitos das velhas nações da Europa.

O que tem, mais do que o clima, mais do que a selvageria de alguns negros, mais do que a fome escravatura, atrazado a civilização — é a Europa querer impôr á Africa os seus habitos, os seus systemas de governar.

Termina dizendo que incontestavelmente está, *malgré tout*, reservada a Portugal ainda uma grande preponderancia na Africa, e agradece a presença do sr. ministro da marinha.

O sr. Cameron devia esta reparação a Portugal. Eu vi com os meus olhos o estado em que elle chegou a Benguela da sua ultima travessia; o sr. Cameron se não fosse a benevolencia, a dedicacão dos portuguezes em Africa, que lhe salvaram a vida e curaram a doença, nunca teria ensejo de escrever um livro que tão *inglymente* nos tratou. Por isso, repetimos, foram verdadeiras perolas as palavras do illustre inglez.

Manuel Barradas.

INDUSTRIA PORTUGUEZA

AS FABRICAS DE PANNOS DA COVILHÃ

I

ALÇADA E MOUSACO

Não ha elemento mais poderoso para fazer prosperar uma industria como a hereditariedade na familia e no meio em que ella nasceu.

É por isso que nós vemos em todo o paiz e em todos os paizes, n'uma localidade de somenos importancia ás vezes, uma industria desenvolver-se a ponto de irradiar por toda a parte, chegando até a exportar-se para o estrangeiro, quando d'isso é susceptivel.

É assim que nós vemos na pequena aldeia de Affife, no alto Minho, germinar toda uma raça de estucadores perfeittissimos que sahem a embelesar com os seus trabalhos os mais luxuosos palacios das principaes cidades; é assim que em Lorigão se desenvolve a industria dos palitos, e por tal forma que, depois de abastecer todo o paiz, leva os seus productos ao estrangeiro, onde são estimados como uma especialidade que só nas mesas de luxo apparece.

É o caso é que este pequeno artefacto é caracteristicamente conhecido como portuguez, nos principaes hoteis, palacios e lojas de França e Inglaterra.

É aquella hereditariedade de costumes, facilitada pelas condições do meio, que se deve o radicalismo da industria das lãs na Covilhã, e o seu continuo desenvolvimento.

Vinculada nas tradições de paes a filhos, essa industria tem empregado todos os novos processos para o seu adiantamento, que ali, como em parte alguma, se pôde promover, porque encontra todos os elementos de vida, reunidos pela natureza e pelos costumes.

A cidade, recostada na vertente da serra, em amphitheatro, offerece as maiores facilidades para a construcção d'aquelles monstruosos montões de pequenas janellas que constituem os edificios das fabricas, e para a exposiçã dos pannos ao ar e á luz, em grandes estendões inclinados.

Para materia prima do seu fabrico, agitam-se na montanha numerosos rebanhos de carneiros, cuja lã era outr'ora a unica que se consumia n'aquelles engenhos primitivos.

Para combustivel, recebe, ainda da montanha, a lenha que os chamiceiros lhe trazem nas pequenas alimarias.

Para motor das suas machinas, serpenteia pelo seu solo o fertilizador Zezere e seus afluentes.

Para escola dos seus artistas lá estão os pequenos teares caseiros, a industria privada, onde se formam os operarios do amanhã de todos os dias, que vão gostosos para a officina porque ella constitue, desde os seus primeiros annos de vida, a sua aspiração, como já o foi a de seus paes, como o será a de seus descendentes.

É filha do esforço de dois homens d'estes a vasta fabrica de lanificios de que hoje damos a gravura.

Fundaram-na em sociedade dois industriaes activos, trabalhadores economicos, desejosos de alargar as condições da fabricacão que effectuavam em casa, onde a lã soffria todas as operações pelos proprios membros d'aquellas duas familias,

sendo carduçada, cardada, fiada e tecida pelas mulheres pelos irmãos, pelos filhos.

O velho Alçada e o velho Mousaco tomavam a saragoça sobre as suas mulas, e lá iam, paiz fóra, vendel-a ás feiras, ainda as mais distantes.

Quando com este esforço de vontade, conseguiram juntar o bastante para estabelecer a sua industria em condições mais vastas, fundaram a fabrica que mais tarde havia de ser, como o é hoje, uma das principaes do paiz.

Bemdisse-lhes o destino á sua perseverança porque viram prosperar as suas officinas, porque encontraram em seus filhos dois bons continuadores da sua obra.

São estes os proprietarios hoje da grande fabrica de tecidos Alçada e Mousaco, fabrica cuja importancia se demonstra nos seguintes esclarecimentos fidedignos, que sobre ella tomámos na visita que ali fizemos.

O pessoal compõe-se de 214 homens, 65 mulheres e 62 creanças de 12 a 15 annos; total 341 individuos.

Os motores são: Uma caldeira multidubular inexploravel da força de 100 cavallos da casa De Nayer & C., da Belgica, fornecida pelo digno representante d'esta casa em Lisboa, o nosso amigo Adolphe Seghers; uma machina de vapor «Farcot» da força de 120 cavallos; uma roda hydraulica mixta de 20 cavallos; uma pequena machina a vapor «Carliss» e uma caldeira, de 18 cavallos cada uma. Total da força empregada 276 cavallos.

As diversas machinas em constante movimento são as seguintes:

Apisoamento: 2 lavadeiras; 2 batanos; 1 lavadeira batano; 3 perchas; 1 hydro-extractor.

Tinturaria: 3 caldeiras para lãs; 1 para fios; 1 dorna para tintura d'anil.

Cardação e fição: 1 esfarrapadeira; 1 variadeira; 1 escolheadeira; 1 lobo; 3 sortidos de cardas, constando cada um de uma carda emborradora, uma repassadora e um apparato; 2 fições Selfactings (Platt), com 800 fuzos; 2 ditas Mullgenys, com 625 fuzos; 3 machinas para fazer cordão; 1 roladeira Boyd, com 200 fuzos, para fios lisos e phantasias; 1 dita Platt, com 100 fuzos, idem; 1 regua de torner os cylindros das cardas; 1 machina de esmerilar puado, com 2 cylindros de vae-ven; 1 dita de vestir os puados nas cardas.

Tecelagem: 1 dobadeira longa; 1 enroladeira dupla; 1 dita simples; 4 encheadeiras; 5 urdideiras manuaes; 1 dita mechanica a vapor, com guardadouro, camara de seccagem, enroladouros etc; 61 theares manuaes; 21 ditos mechanicos.

Ultimação: 3 tezouras longitudinaes; uma escova; 1 velludeira; 1 prensa de ferro para prensagem por meio de laminas aquecidas; 1 prensa cylindrica continua, para prensagem automatica por meio de vapor.

Os detalhes que deixamos aqui provam o grau de adiantamento da fabrica dos srs. Alçada e Mousaco, hoje provida dos mais modernos e apertecoados aparelhos da sua industria.

A producção annual foi, nos ultimos annos, de 150 contos; no anno corrente não será inferior a esta cifra, e maior seria se não fossem as difficuldades da crise que temos atravessado.

O espirito proteccionista que, felizmente, vae acordando no nosso povo, compensará, porém, aquellas difficuldades, dando preferencia aos productos portuguezes que, especialmente n'esta industria, nada deixam a desejar aos estrangeiros.

A fabrica Alçada e Mousaco, e outras da Covilhã, de que mais tarde nos occuparemos, estão produzindo tecidos perfeittissimos, de variadissimos padrões em todos os generos. D'isso tivemos a prova na visita que ali fizemos, que nos deixou maravilhados com os progressos d'esta industria, apesar de que muito d'ella sabiamos já pelos productos que encontravamos no mercado de Lisboa, visto que (vamos lá que já se pôde dizer isto sem cair no ridiculo) desde muitos annos que quem estas linhas escreve busca para seu uso exclusivamente os productos portuguezes.

L. de Mendonça e Costa.



AS NOSSAS GRAVURAS

AFRICA PORTUGUEZA — SENA

A Villa de Sena na nossa Africa Oriental, é das mais antigas povoações ali fundadas por portuguezes, que constituiu um verdadeiro proprio portuguez, como ainda hoje o attestam muitas rui-

nas de edificios particulares e publicos e as noticias da existencia de quatro egrejas de que não se veem sequer os vestigios.

Teve a sua epoca de prosperidade, Residencia de muitos portuguezes illustres de nascimento, possuidores de grandes prazos, contando-se entre esses portuguezes os Salemas, os Pereiras, os Mendes, Calejas, Moraes e Mendes e Vasconcellos etc.

A villa de S. Marçal de Sena, foi séde da capitania, denominada Rio de Sena, nos primeiros tempos da conquista.

A nossa gravura, copia de uma photographia, representa parte da villa, vendo-se á direita a serra Barramoana e a feitoria holandeza, a que maior commercio sustenta na Zambezia; á esquerda vê-se a casa da sobdelegação da fazenda, que pertenceu antigamente ao capitão-mór de Sena, Eleuterio Vulnay da Costa, e a casa da Camara Municipal.

Tem Sena uma fortificação quadrada com quatro baluartes, que eram ligados por muralhas hoje em grande parte destruidas.

Dava entrada a esta fortificação um bello portal que tem uma inscripção indicando que a fortaleza fóra mandada fazer pelo capitão geral João Fernandes d'Almeida etc.

É profundamente injusto que os modernos colonisadores da nossa Africa, queiram disputar-nos a posse de nossos dominios africanos, quando os seculos attestam a dominação portugueza por toda a Africa, não se cruzando aquelle paiz em ponto nenhum, que não se encontre dominação ou rasto dos portuguezes, como ainda ha bem poucos dias o confesso em conferencia publica na Sociedade de Geographia de Lisboa, um proprio inglez M. Cemeron, o grande explorador do paiz Africano.

O GERAL DOS JESUITAS PADRE ANTONIO MARIA ANDERLEDY

Falleceu no dia 18 de janeiro ultimo, na cidade de Fiezoie (Italia) o reverendo padre Antonio Maria Anderledy, successor do sabio padre Beckx, geral da Companhia de Jesus.

Anderledy nasceu na Suissa, no cantão de Valais, em 1819, e tendo desoito annos de idade entrou no noviciado da Companhia, ensinando litteratura no collegio de Friburgo, depois de ter completado os seus estudos theologicos em Roma.

Quando os jesuitas foram expulsos do territorio helvético, residio por algum tempo em Chambery, mas pouco depois embarcou para a America do Norte, onde dirigiu a missão de Greenbay, na comarca de Erie.

Voltou á Europa, chamado por seus superiores, em 1858, e não só exerceu varios cargos importantes nos collegios de Colonia e Paderborn, mas fundou dez annos depois o famoso Collegio de Maria Lach, uma das principaes casas de educacão da Companhia de Jesus.

Em 1870 formou parte do conselho superior da Ordem, representando a provincia germanica; foi desde então o mais util auxiliar do reverendo padre Beckx, que tinha succedido ao reverendo padre Rothaan, em 1853, como geral da Ordem.

As suas virtudes e grande sciencia valeram-lhe o ser nomeado vigario geral e coadjutor e futuro successor, em 24 de setembro de 1883, o que foi confirmado por eleição em 1887, quando morreu o geral da Ordem o reverendo padre Beckx.

O padre Anderledy possuia uma vasta erudição, um caracter firme, grande dignidade na sua vida privada e publica, e excellentes qualidades de administrador intelligente e consciencioso.

Diz-se que a eleição do novo geral da Ordem se effectuará em principios de maio, em Feldkisch (Austria), sob a presidencia do vigario geral da Companhia, reverendo padre Luiz de Martin, hespanhol e antigo alumno do Seminario de S. Jeronymo de Burgos.

PODER DA VONTADE

(CONTO MEDIEVAL)

(Concluido do n.º 473)

Os pretendentes, concentrando o espirito e pensando profundamente sobre o caso, apenas acharam como lintivo a tão grande magoa a offerta de perolas, brilhantes e outras joias de subido valor, que, á profia, lhe foram lançar sobre o regaço.

Os estultos imaginavam que as grandes pões

da alma se acalmam ao contacto das riquezas ainda as mais deslumbrantes!

Aquellas dadas não tinham o condão de restituir a alegria, que a saudade do rouxinol lhe roubara, e por isso Arminda continuava triste, olhando indiferentemente tudo o que a cercava. N'isto Ali-Amrú apparece trazendo na mão a pequena ave e dizendo:

— Aqui está, minha senhora, a causa da sua tristeza; oxalá que a innocente avesinha lhe restitua a alegria, que tão bem lhe fica, e lhe dê a felicidade de que é digna.

— Ah! cavalleiro, exclamou ella; como soube comprehender-me! E proclamou-o o mais amavel de todos os que pretendiam agradar-lhe.

Era a primeira victoria!

Ali-Amrú olhava para tudo aquillo sem saber o que fazer. Elle que apenas sabia fazer esparrelas aos passaros e armadilhas aos animaes bravios; que nunca manejava aquellas enormes e pessadissimas lanças, como poderia haver-se em concorrência e luctu com homens amestrados em mais de vinte batalhas?

O melhor seria consultar primeiro o seu fiel amigo.

Assim o fez.

Retirou-se para o vão de uma janelia, tirou do cinto a caixa rectangular e carregou o botão.

O phonographo não se fez esperar e fallou d'est'arte:

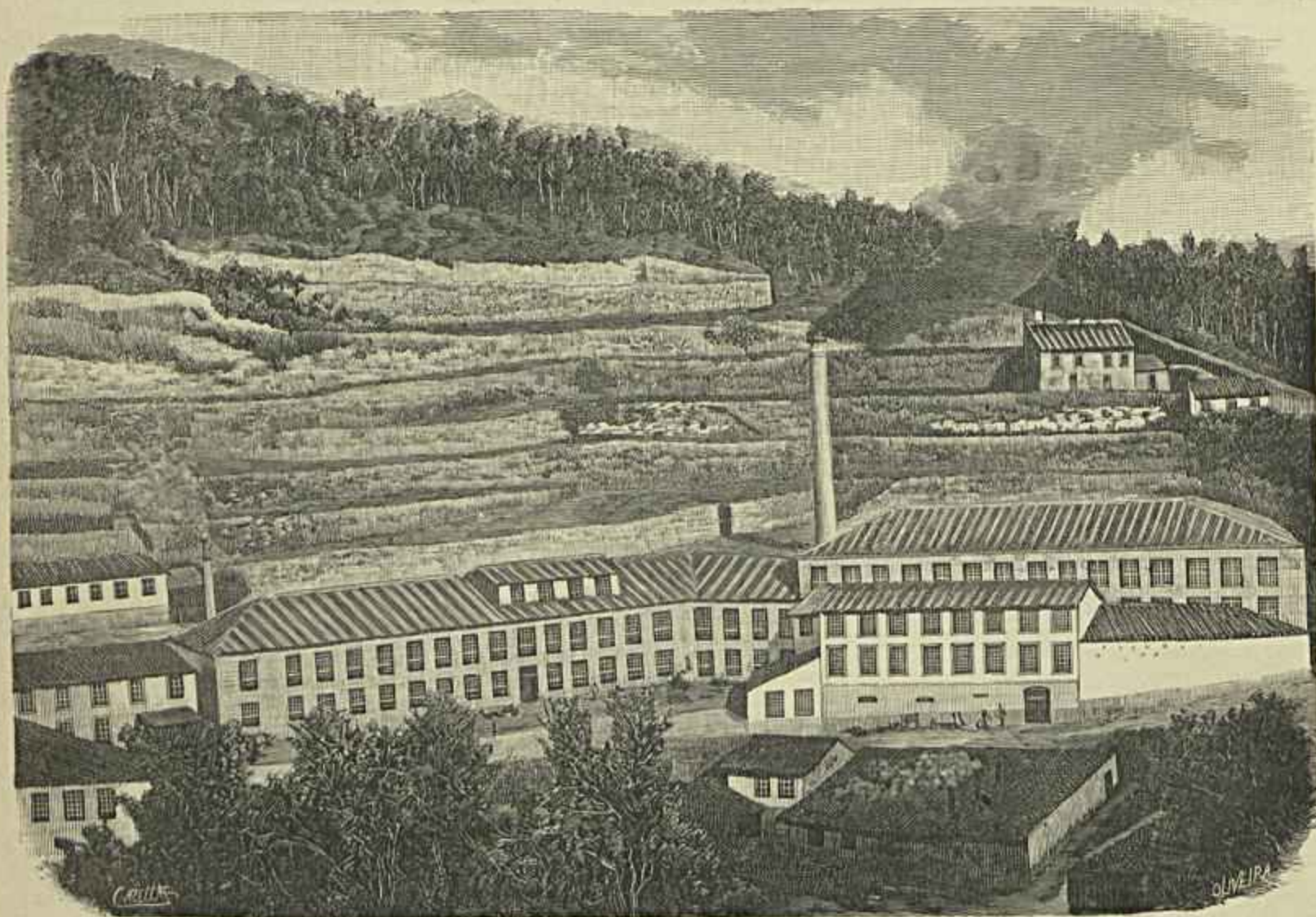
— Trata primeiro do cavallo que deves montar; dá-lhe ração dobrada e uma sopa de vinho;

que soubesse comprehender-lhe os sentimentos de gratidão, que lhe iam n'alma, e que tinham necessidade de expandir-se em actos de sensibilidade e de meiguice infantil, inteiramente harmonicos com os seus poucos annos e com a bondade do seu coração ternissimo.

Ora a abraçava contra o peito, ora a conchegava ao coração. Umas vezes collocava-lhe os labios, outras corria levemente, mansamente, a palma da mão pela superficie da caixa no sentido de toda a sua extensão e chama-lhe o seu amigo dedicado, o seu protector, o seu pae... Era uma louca expansão de ternuras e afagos, que faria nascer n'alma d'Arminda um inferno de ciumes, se ella podesse presenciar-a.

Depois, cahindo sobre o leito, com a face junto

INDUSTRIA PORTUGUEZA



FABRICA DE PANNOS DE ALÇADA E MOUSACO, NA COVILHA

(Segundo uma photographia)

Depois do almoço passou-se á prova da erudição.

O resultado não foi, nem podia ser duvidoso. Ali-Amrú venceu todos os concorrentes e foi unanimemente proclamado pelo jury o mais sabio de todos os homens do seu tempo.

Arminda não occultava a alegria que lhe ia n'alma, e teria feito desde logo a opção se aquelles, que duas vezes foram vencidos, não appellassem como *ultimatum* para a prova derradeira, a destreza nas armas.

Esta ultima prova deveria ter lugar no dia seguinte, e consistiria n'um torneio em que os cavalleiros vibrariam tres golpes de lança e outros tantos de espada com armas da mais fina tempera.

Depois do jantar os candidatos dirigiram-se á sala d'armas para escolherem cada um a armadura que melhor lhe ajustasse, e as armas que mais confiança lhes merecessem.

examina as cilhas e o freio para que tudo esteja em ordem. Feito isto ceia tranquillo, sem o mais leve cuidado.

Agora sim; agora é que a coisa estava a cahir!

Os cavallos conhecia elle bem; podia extremar as raças, advinhar-lhe o genio, apreciar-lhe as qualidades, destreza e força. Em summa tinha a aptidão necessaria, adquirida pela experiencia, para escolher o melhor mursello das cavallariças do castellão.

E n'esta escolha passou o resto d'aquelle dia, convicto de que ninguem como elle, montaria melhor praça. A' noite, depois de recolher ao quarto, quiz mais uma vez escutar as indicações do fiel conselheiro.

Tomou a pequena caixa rectangular, collocou-a sobre o leito, afagou-a com ternura e beijou-a com tranportes de reconhecimento como se o fizera a um amigo dedicado, a um pae extremoso,

da caixa, de modo que o ouvido a tocava tambem primiu o pulido botão de marfim e escutou, com previsão de suave delicia, aquelles sons meigos, que pareciam atravessar as cordas tensas e curtas de uma larynge feminina.

E o phenomeno foi dizendo assim:

— Coragem, Ali-Amrú; estás prestes a tocar a meta dos teus trabalhos e attingir a realisação do teu ideal, e, portanto, não desanimes um momento. Se o valor te não faltar sahirás amanhã da lucta bellicosa coberto de gloria como sahiste do certamen litterario e do conflicto aberto entre o amor e o orgulho da castellã. Mas, para melhor te assegurar a victoria vou tornar-te o mais invencivel dos homens. Volta á bibliotheca do castello onde estiveste hontem; procura á entrada, na estante da direita, por detraz das obras de Aristoteles e Platão, um frasco, que lá deve estar, e que contém um liquido maravilhoso. Traz contigo o frasco e, ao deitar-te, fricciona fortemente com o

líquido todo o corpo. Sentirás uma prostração immediata, mas não te aterre esse desalento; é a reacção, que te assegura o effeito da applicação do líquido, que não é outra coisa senão o famoso oleo de cavallaria, descoberto pelo valoroso Rolando, e cujo segredo se perdeu com a morte do seu inventor. O dono do castello ignora a existencia d'este balsamo, que ha tres seculos um de seus avós escondeu tão cuidadosamente. Vae; segue o que te digo e descança porque, se o valor não te faltar, não terás necessidade de me consultar novamente.

Ali-Amrú sellou com um beijo as palavras do seu mentor e foi á bibliotheca.

Chegado ali facilmente encontrou o frasco indicado, ao qual uma espessa camada de pó adherente dava um aspecto respeitavel de ancianidade; e cuidadosamente, com todos os resguardos, trouxe o muito unido a si na volta para o quarto.

Fechada a porta despiu-se e deu principio á operação.

O líquido era oleoso, de uma côr esverdeada mas de um aroma agradável.

Ali-Amrú quasi esgotou o frasco.

As damas agrupavam-se nas sacadas que defrontavam com os campos do combate.

Os villões tomavam tambem posições para gosar do espectáculo, ao passo que os servos da gleba, postados em volta da estacada, seguravam os ginetes ou esperavam a ordem imperiosa do senhor para lhe prestarem algum serviço.

Uma tribuna havia sido levantada no topo da liça; d'ella deveriam assistir a bella Arminda e o sazerano com os seus pares, que constituiram ao mesmo tempo a presidencia dos torneios e o tribunal de arbitragem, que decidiria sem appellação do resultado da lucta.

Tudo estava a postos.

Tocaram novamente os clarins e charamellas; os servos abriram passagem, e o cortejo deslumbrante do senhor feudal deslisou magestoso entre acclamações de enthnsiasmo louco, excitado com a presença do fausto e do poder, que assentava no principio esmagador do direito divino.

Deixemos dispôr as scenas para o espectáculo em perspectiva, e vejamos o que é feito do nosso audacioso.

Ali-Amrú, ao levantar-se de manhã, começou por experimentar a musculatura do corpo e fi-

A castellã tomou da rosa e levou-a aos labios.

Não era necessario mais para ensoberbecer e tornar invencivel um cavalleiro d'aquelles tempos.

Ali-Amrú cravou as rosetas das longas esporas nos ilhaes do animal, e foi, como um raio, cahir no meio do cavalleiros, que cobriam a liça.

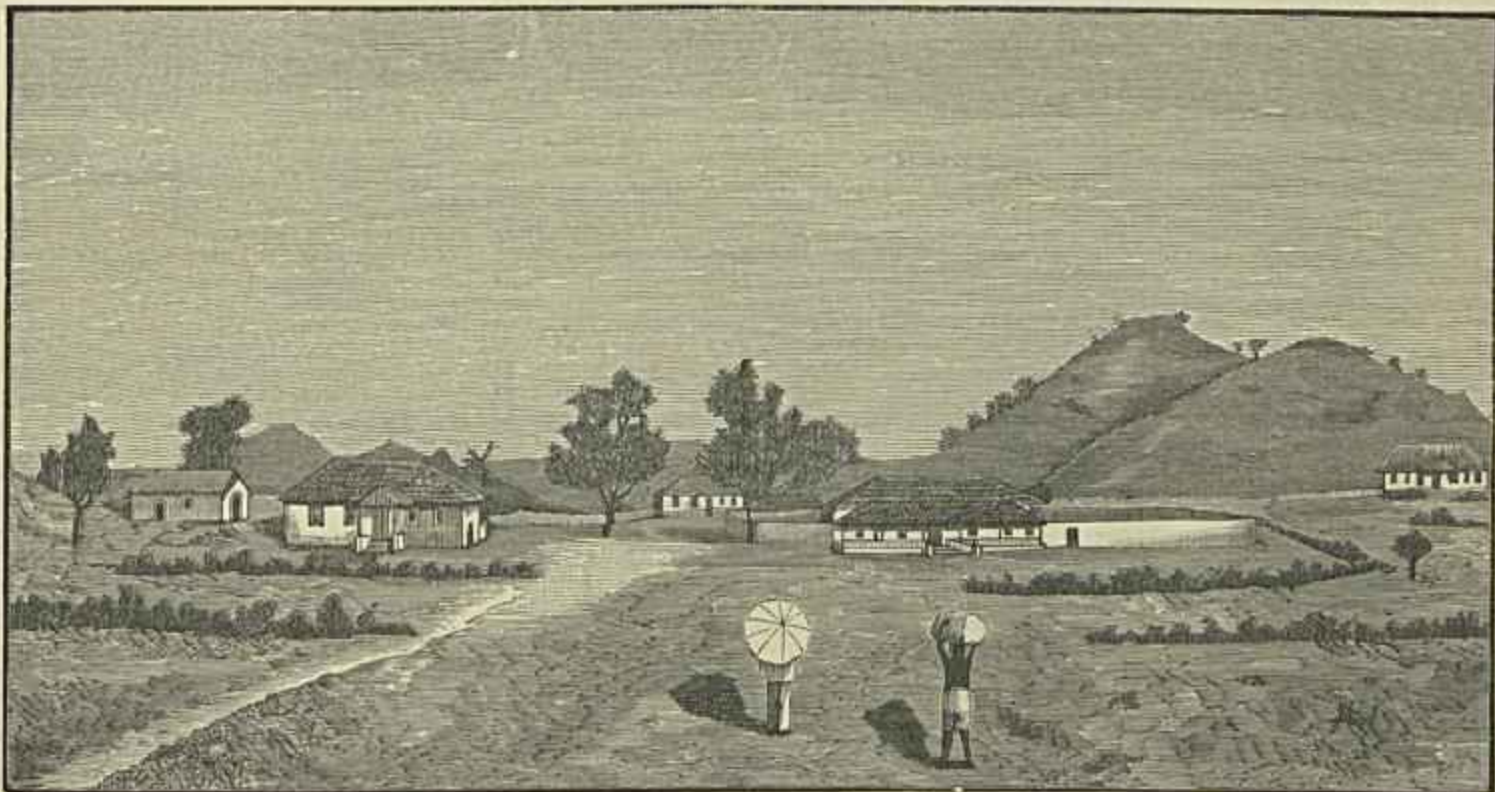
Houve glorias e revezes e mais de um esforçado lidador foi desarçonado.

Ali-Amrú obrou prodigios, foi proclamado vencedor e levado em triumpho á presença do suzerano, que lhe entregou a mão da sua feudataria com os titulos que o tornavam possuidor dos seus haveres.

Estavam, emfim realisadas as aspirações audaciosas do mancebo.

O dia foi de festa ruidosa, esplendida, como d'outra não havia memoria nos vastos dominios do senhor feudal: Ali-Amrú passou-o junto d'Arminda, gosando a primeira e a maior das venturas da sua vida.

A' noite, ao recolher-se ao quarto, viu em pé, junto do seu leito, um velho de longas barbas alvejarem, no qual reconheceu logo o seu bemfeitor de ha tres dias, que vinha decerto a reclamar o deposito, que então lhe confiara.



AFRICA PORTUGUEZA — SENA

(Segundo uma photographia)

Ao cabo da operação estava fatigado, sentia um quebramento de corpo tão sensível, que mal podia suster-se de pé. Este symptoma fôra-lhe predicto, e por isso não perdeu o animo. Abriu o leito, deitou-se, conchegou bem a roupa, fechou os olhos e dormiu com a tranquillidade propria das almas felizes.

Ao amanhecer do dia seguinte os habitantes do castello foram despertados pelos toques dos clarins e das charamellas, que atordoavam os ares, annunciando as festas espaventosas dos torneios d'aquelle dia.

Pouco depois os visinhos desfilarão ao longo das veredas em direcção á moradia do suzerano.

Cavalleiros garbosamente montados nos seus ginetes, vestindo reluzentes armaduras, chegavam de todos os pontos e mandavam inscrever-se para as justas. Formosas damas, cavalgando possantes muars, acompanhadas de sequito numeroso de homens armados, vinham tambem assistir aos seus torneios e animar com seus sorrisos os combatentes.

Saudosos tempos aquelles em que o cavalleiro esforçado tantas vezes mordia o pó da liça por causa da dama dos seus pensamentos!

Se foram de barbarie estão sufficientemente desculpados pela posição que conquistaram para a mulher na vida social e no seio da familia.

cou verdadeiramente admirado da duresa dos membros, e ao mesmo tempo da agilidade dos movimentos.

Os musculos, contrahindo-se ou distendendo-se, produziam um som muito semelhante ao de barras metalicas que se tocam.

Custava-lhe a comprehender como uma tal transformação n'elle se operara tão rapidamente.

Evidenciava-se dos seus exercicios que a força era herculea, e que a consistencia das pernas seria sufficiente para fazer rebentar, comprimindo-as, o mais corpolento mursello antes que por elle fosse cuspidio.

Um golpe do seu braço seria bastante para partir em dois o arnês de mais fina tempera.

Verdadeiramente satisfeito de si foi á sala d'armas ajustou a armadura, cingiu a espada, tomou da lança, e, como se aquillo lhe fosse muito habitual, seguiu sem embaraço até ao jardim, onde colheu a mais bella rosa, adornando com ella o cinto que apertava a couraça.

Estava encantador de simplicidade o moço!

A sua entrada na liça foi uma ovação.

O bravo ginete, guiado por mão de mestre, foi dobrar os joelhos em frente da tribuna, ao mesmo tempo que o cavalleiro, levantando a viseira, arrancou do cinto a rosa, ha pouco colhida, e offereceu-a á dama dos seus pensamentos, á bella Arminda, por quem ia combater.

O cavalleiro, pois que assim lhe podemos já chamar, cahiu de joelhos junto d'aquelle homem, para lhe agradecer o seu auxilio, sem o qual, disse elle, nada de bom teria feito.

O velho, tomando-lhe da mão, levantou-o e disse-lhe meigamente:

— Enganas-te: nada fiz; foi apenas a imagem de um sentimento, que tinhas no coração, o qual te deu a sciencia a força e o amor. Queres saber o nome d'esse sentimento?

— Oh! dizei, dizei...

— E' a VONTADE...

E desapareceu rapido como um sopro.

A. Motta.

O CRIME DOS TAVCRAS

ROMANCE HISTORICO

POR

Oliveira Mascarenhas

I

No sopé da serra da Arrabida, que os romanos conheciam pelo nome de *Mons-barbaricus*, e onde os arabes e neo-godos feriram mais do que uma batalha, existia um espaçoso algar, que servia de



PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos :

Viagens no Sertão do Amazonas. *Do Pará à costa do mar Pacifico pelo Amazonas, Bolivia e Peru*, por Bernardo da Costa e Silva. Porto, typographia de Arthur José de Sousa & Irmão, 1891.

Um volume de 380 paginas in-8º e 1 de erratas, illustrado com gravuras de Alberto segundo desenhos de Bernardo da Costa e Silva. É este livro devido em quatro partes, comprehendendo a primeira: *Do Pará a Manaus*; a segunda, *De Manaus a Santo Antonio do Rio Madeira*; a terceira, *De Santo Antonio do Rio Madeira a Bolivia*; e a quarta: *De Bolivia á costa do Mar Pacifico*. Escripito despretenciosamente, como o seu auctor declara, tem as *Viagens no Sertão do Amazonas*, todo o interesse e curiosidade que despertam este genero de livros, e que o tornam recommendado, principalmente hoje que as explorações de paizes incultos, é a ordem do dia, em toda a velha Europa.

Estamos certos que o livro do sr. Bernardo da Costa e Silva obterá o exito que merece, tanto em Portugal como no Brazil.

Agradecemos ao auctor a sua amavel offerta.

A Segunda Duqueza. *Segundo dos Serões Manuelinos*, por Luciano Cordeiro, Lisboa, Livraria Fern & C.º. Um volume de 262 pag. in-8º, 1 de indice e 1 de erratas. *A Segunda Duqueza* é mais um delicioso livro com que o sr. Luciano Cordeiro acaba de enriquecer a sua já importante bagagem litteraria; mais um estudo historico, desentranhado de entre velhos documentos, que ligou, a que deu forma litteraria, podendo-se lêr sem enfado, antes com deleite e curiosidade. É o que, por enquanto, podemos dizer do novo livro, do qual mais de espaço o OCCIDENTE se occupará em um dos proximos numeros.

Entretanto já aqui fica o nosso agradecimento ao auctor

As Amantes de D. Joao V. *Estudos Historicos*, por Alberto Pimentel. Lisboa, Livraria Fern & C.º, 1892. Um volume de 276 pag. in-8º. Mais um livro novo que vem afirmar o incançavel trabalho do sr. Alberto Pimentel, nos seus valiosos estudos historicos. O assumpto d'este livro não podia ser melhor escolhido para despertar a curiosidade do leitor, que effectivamente tem muito em que a saciar, pois é dos reinados mais curiosos o de D. João V, com a sua corte e as suas aventuras e extravagancias. D'isto nos dá o livro do sr. Alberto Pimentel boa noticia e em breve contemos publicar mais desenvolvida apreciação, para o que nos falta agora tempo e espaço.

Por hoje, só annunciamos a obra e agradece-mos a sua offerta.

Almanach Illustrado do «OCCIDENTE» Para 1892

Recebem-se encomendas na *Empreza do Occidente*.

A capa, em chromo, representa a Avenida da Liberdade, uma primorosa aquarella de L. Freire.

Preço 200 réis, pelo correio 220.

LARGO DO POÇO NOVO — LISBOA

Capas para encadernação do «Occidente»

Preço da capa 800 réis franco de porte.

Preço da capa e encadernação 1.200.

Pedidos á EMPREZA DO OCCIDENTE.

Largo do Poço Novo — LISBOA

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Adolpho, Modesto & C.º — Impressores
Rua Nova do Loureiro, 25 a 41

Olhou para a rua, mas a rua estava deserta. Então aproximou-se mais da grade julgando que o traidor estivesse encoberto com o pilar do portão. Nada, na rua não estava ninguém. Cheio de raiva e de ciúme, apontou o revólver a cabeça de sua mulher, mas quando ia desfechar, soltou um grito de espanto.

A condessinha era somnambula.

Ricardo de Souza.



REVISTA POLITICA

Os tristes e tragicos acontecimentos do norte deram soeto á nossa modesta revista, no numero passado do OCCIDENTE, todo dedicado aquella lugubre tragedia que victimou 110 vidas de nossos irmãos.

Aquella grande desgraça tem absorvido por tal modo as atenções de todo o paiz, que as graves questões politicas que preocupam a administração publica, não conseguiram desviar o coração d'este bom povo portuguez, das conser-nadas scenas da Povoá e da Afurada, procurando por todos os meios mitigar tantos infortunios, amparar tantos desgraçados.

É altamente consolador vêr, no meio de uma crise financeira, em que as difficuldades da vida crescem de dia para dia, como se esqueceram os proprios males, e todos offerecem espontaneamente, o pouco ou o muito de que podem dispôr em favor de um punhado de familias a quem faltou o seu chefe, o seu amparo.

E tem sido tal a corrente de do-nativos, por todas as formas e meios, em favor das familias dos naufragos, que pouco nos devemos admirar, se muitos dos que tem concorrido para tão caridoso fim, vierem amanhã pedir donati-vos em seu favor, tornando-se este paiz uma terra de pedintes.

A época é de pedir. O povo pede economias nas despezas do Estado; o governo pede contribui-ções ao povo e moratorias aos cre-dores, e nós todos passamos a pedir uns aos outros, pensando que os outros estão melhor do que nós.

Agora são os operarios que pedem, porque não tem trabalho onde ganhar, e este pedir é de mais funestas consequências e dos peiores syntomas, porque revela uma crise economica da peor especie. Essa crise que lá por fóra se manifesta ha annos, e que vae chegando por cá presorosamente, activada pelas circumstancias financeiras do paiz.

Era de prevêr, e bem poderiamos estar livres d'ella, por mais algum tempo, se a pessima administração que temos tido não a tivesse apressado.

Tratemos, porem, do que se vae passando, na triste realidade, positiva e esmagadoura d'estes tempos.

Tem-se levantado receios de que o governo não arranje os fundos necessarios para pagar o coupon de abril, tem havido até quem dê por certo a banca róta, e pareça estar muito satisfeito com isso, tal é a idiotice que lhe fervilha lá dentro do miolo chocho; mas o que, todavia, parece verdade é que tal desastre não se dará, e que o governo tem os seus negocios bem encaminhadados para um accordo com os credores estrangeiros, de lhes pagar os juros, com titulos amortisaveis e vencendo tambem juros, isto pelo espaço de tres annos, devendo entrar já n'este accordo o coupon de abril.

Esta transação, que é perfeitamente humana e rasoavel, nas actuaes circumstancias, tem por isso mesmo todas as probabilidades de se realizar, porque mostra a boa vontade de satisfazer encargos sem criar novas difficuldades, como as operações milagrosas que nos ultimos tempos se tem

feito, com grande espanto dos pacovios e grave ruina do thesouro.

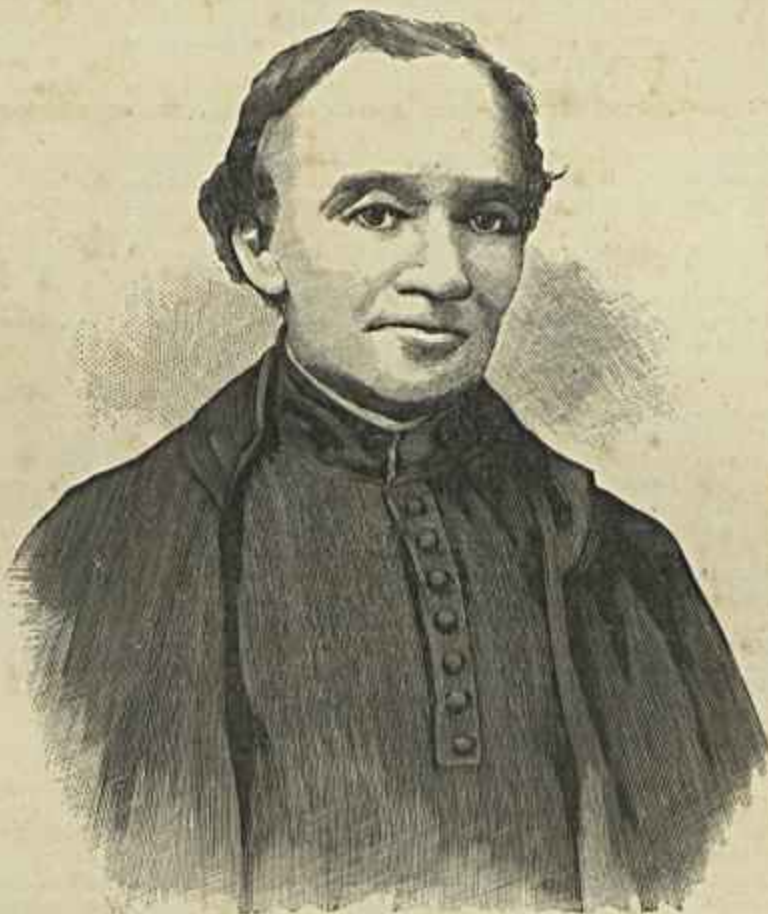
Esta especie de moratoria de tres annos, dá uma folga rasoavel ao thesouro para equilibrar as suas finanças, desde que continue uma administração de boa economia e honestidade.

Com boa economia e moralidade é relativamente facil desafogar a situação do paiz n'um curto prazo. Toda a difficuldade só consiste em realizar aquellas duas cousas.

No parlamento tem continuado a discussão das pautas, tendo tambem sido já apresentado o parecer sobre a lei de meios, com que o governo precisa ficar auctorizado, para proceder á cobrança dos impostos, etc.

As grandes reformas que o governo projecta fazer sobre os serviços publicos, só terão logar depois do parlamento fechado e terminada a sessão legislativa.

Sobre isso correm muitas versões tendentes a fazerem acreditar, que então é que levam coiro e cabelo a taes reformas, mas afinal no peor dos



O GERAL DOS JESUITAS P.º ANDERLEDY

FALLECIDO EM 18 DE JANEIRO DE 1892

casos só terão a arrecearem-se d'ellas aquellas a quem a consciencia lhes pesar.

Não façamos, porém, juizos temerarios, n'esta boa terra de amigos, em que tudo se sacrifica á amizade, tudo, até a querida patria, como se tem visto e se está sentindo.

Por amizade se calcam as leis; por amizade se inventam empregos e se sustentam sinecuras; por amizade se dão mercês, se elegem deputados; por amizade se alcança tudo que o merito muitas vezes não pôde obter, que a justiça não deve sancionar.

Não antecipemos, pois, juizos sobre o que está para vir, e aguardemos antes os factos, para vêr até que ponto será posta em pratica a tal vida nova que todos pedem, mas que muitos não tem vontade nenhuma de vêr.

Só mais uma noticia e por aqui nos fiquemos.

A commissão de infracções, acaba de apresentar o seu parecer sobre a questão Mariano de Carvalho.

Esse parecer conclue por não achar motivo para processo criminal contra o sr. Mariano de Carvalho.

Disse.

João Verdades